

# A Experiência nos Processos de Digitalização do Acervo de Cordel da Biblioteca Átila de Almeida da Universidade Estadual da Paraíba<sup>1</sup>

■  
<sup>1</sup> *O Cordel e a experiência da digitalização na Biblioteca Átila Almeida* contou com a participação de três ex-orientandos PIBIC, Amanda Brito Xavier de Moraes, Naiany Carneiro e Thiago Saraiva Lemos. O texto, como um todo, contou com a leitura crítica e acurada, do sempre presente: Osvaldo Barbosa Maia.

Manuela Eugênio Maia  
Carlos Xavier de Azevedo Netto  
Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

## RESUMO

A literatura de Cordel mostra-se uma boa escolha para a conversão digital, devido ao seu tamanho e formato de panfleto, bem como a fragilidade do papel usado. A conversão aborda tanto a preservação quanto o acesso. Muitas bibliotecas no Brasil estão convertendo suas coleções de Cordel para a forma digital, no entanto, questões de direitos autorais estão limitando os esforços. Em muitos casos, a “propriedade” de um Cordel não é clara. É compartilhada pelo artista xilogravura, poeta e editor da mesma forma. Este artigo resume os esforços de conversão digital no Brasil, mantendo o foco na tentativa de uma biblioteca para superar os desafios de clarificação de direitos autorais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Digitalização. Direito autoral. Literatura de Cordel. Biblioteca universitária.

## 1 Introdução

*Literatura de Cordel  
É poesia popular,  
É história contada em versos  
Em estrofes a rimar,  
Escrita em papel comum  
Feita pra ler ou cantar.*

*A capa é em xilogravura,  
Trabalho de artesão,  
Que esculpe em madeira  
Um desenho com ponção  
Preparando a matriz  
Pra fazer reprodução.  
(DINIZ, 2001)*

O ser humano cria e recria a natureza, permanentemente, em função de suas necessidades: fazendo de uma caverna seu espaço de abrigo, edificando prédios, gerando produtos e serviços etc. Essa criatividade, única, entre os animais existentes no planeta, ocorre mediante à sua capacidade cognitiva diferenciada, que o fez, por meio da linguagem oral e/ou gráfica/escrita, produzir registros e processos de informações cumulativos, passados geração após geração. Essa acumulação informacional pode ser compreendida, enquanto cultura, quando agregada a ela existem componentes formativos na edificação de uma natureza humana, o que nos faz tornar seres com características comuns independente do lugar ou do tempo (CHAUI, 2000). Aqui, referimo-nos à cultura numa perspectiva universal. Por outro lado, há características peculiares a determinados grupos, o que nos permite entender a cultura também em suas particularidades.

Se por um lado, fala-se, na atualidade, em acúmulo de informação e de sua internacionalização por meio dos mecanismos digitais, também há um forte discurso que defende o poder das identidades – movimento antiglobalizatório – (CASTELLS, 1999). Frente a um período marcado pela busca da marca identitária de cada povo e região, há todo um esforço de organismos internacionais em registrar e preservar esses modos de fazer contextuais. Tanto, que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por meio do projeto Memória do Mundo, trabalha numa perspectiva, que aqui abordamos de forma resumida, de registrar, tratar, armazenar e disponibilizar o patrimônio documental produzido e acumulado por cada nação e região em seus espaços de informação: bibliotecas, arquivos, museus e centros de documentação (UNESCO, 2002).

Nessa direção, em concordância com as diretrizes formuladas pela UNESCO, nasceu, em 2009, o projeto de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), voltado para alunos de graduação, intitulado *Desenvolvimento*

*de uma aplicação web para gerenciamento de cordéis na biblioteca Átila Almeida/UEPB*, sob nossa coordenação. Como um esforço contínuo em manter vivo esse mesmo projeto, em 2011, obtivemos a aprovação do ao Programa de Incentivo à Pós-Graduação e Pesquisa (ProPesq), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por meio do projeto: *Tratamento técnico aplicado ao raro acervo de Cordel da Biblioteca Átila Almeida/UEPB: otimização de sistema de banco de dados e disponibilização do acervo via web*. O trabalho que objetivou o tratamento, armazenamento, reformatação digital e disponibilização do Cordel brasileiro em meio digital, especificamente os cordéis que compunham parte do acervo da Biblioteca Átila Almeida, constituído por 9.992 títulos de Cordel. A Biblioteca, assim, é formada por coleções diversas como livros, periódicos, cordéis, jornais, documentos pessoais, xilogravuras, fotografias, todos de caráter raro quando considerados os aspectos bibliológicos e bibliográficos da coleção.

Com o desenvolvimento dos trabalhos de tratamento e de disponibilização de informações, em 2006, outro desafio veio a lume, o real papel do profissional da informação no gerenciamento e decisões frente aos espaços informacionais, sejam bibliotecas, arquivos, museus e centros de informação e documentação.

De volta à realidade da Biblioteca Átila Almeida, percebemos que outros elementos também eram significativos, como a necessidade de:

- a) melhoria das condições físico-ambientais;
- b) ações de preservação e de conservação do acervo, e
- c) tratamento técnico sobre as coleções.

Em face do diagnóstico, outro desafio se fez premente, a escolha das coleções que sofreriam as primeiras intervenções. A escolha recaiu sobre os cordéis, inicialmente, em função da fragilidade do suporte – neste caso impresso em papel jornal – e demasiado uso.

Assim, este artigo objetivou percorrer os labirintos das estantes da Biblioteca Átila Almeida, reviver os dias de desafios, postos como medidas administrativas e técnicas adotadas frente ao trabalho sobre os cordéis, em especial, sobre a política de digitalização que vem sendo adotada no âmbito desta coleção, sem descuidar das limitações quanto à disponibilização digital na *web*.

## 2 O Cordel e a Democratização da Informação

*Mas pode ser um desenho,  
Uma foto, uma pintura,  
Cujos títulos, bem à mostra,  
Resume a escritura.  
É uma bela tradição,  
Que exprime nossa cultura.*

*7 sílabas poéticas,  
Cada verso deve ter  
Pra ficar certo, bonito  
E a métrica obedecer,  
Pra evitar o pé quebrado  
E a tradição manter.  
(DINIZ, 2001)*

É sempre muito prazeroso escrever sobre o que fazemos e, sobretudo, quando temos uma trajetória marcada por desafios e superações.

Das dezessete bibliotecas da UEPB, sem dúvida a que marca os maiores desafios é a Biblioteca de Átila Almeida, sobretudo em função da especificidade de sua coleção e, em especial por seu acervo de Cordel, cuja prática profissional pode e deve ser referência no mundo (MAIA; OLIVEIRA, 2008).

Notadamente, o diferencial deste trabalho não se caracteriza pela organização física da biblioteca ou em relação às práticas de preservação documental adotadas nos folhetos, embora reconheçamos sua importância enquanto condição sine qua non para a sobrevivência da coleção. Reiteramos que o maior desafio foi o de conferir, além do tratamento da informação, sua disponibilização na *web*.

Desse modo, este relato vislumbra, num contexto amplo, o aspecto da democratização da informação, da possibilidade do acesso que todo e qualquer cidadão do mundo tem por direito (FONSECA, 1999). Essa premissa faz parte de nossa meta de trabalho, pois partimos do pressuposto que todos nós temos direito à informação no Brasil, princípio regido pela carta magna, porém nem sempre cumprido. Afirmamos, ainda, que os conteúdos de natureza cultural-patrimonialista e a produção artístico-literária, são direitos de todo cidadão, pois se tratam de bens formativos que transcendem o domínio do território. Ainda que se constituam em um espaço-tempo, essas obras vão além do seu local de produção, pois têm característica global e civilizatória: tratam do homem, do seu fazer cotidiano e de suas práticas sociais.

Assim, do ponto de vista local, o Cordel nordestino/brasileiro, destaca-se como uma forma de representação do homem popular, sob a perspectiva dos seus dilemas, da sua leitura de mundo, da resistência em manter viva a tradição e a sua voz, o que lhe resguarda um componente civilizatório. Portanto, a

relevância está na sua disponibilização como forma de fazer e apresentar para o mundo a sua pertinência cultural e patrimonial.

Num mundo cada vez mais marcado pela busca dos elementos únicos de identidade das culturas regionais, o Cordel, representando a mentalidade do homem nordestino, passa a se configurar como um registro escrito tradicional, em função de sua raiz européia, em especial, trazida no século XIX ao Brasil pelos colonizadores lusitanos, mas também por sua capacidade de resistência, nos dias de hoje, da presença do seu pensamento político, pedagógico ou sarcástico. O Cordel é marcado pela agilidade de circulação, barateamento de custo de produção e facilidade de venda, pois custa pouco e o encontramos nos mercados e feiras livres, prática essa conservada, sobretudo, no Nordeste brasileiro.

Práticas de exposição e venda, cabe mencionar, também tradicionais, vindas para o Brasil por meio dos portugueses no século XIX: a cavalo num barbante, à cintura de cegos (SARAIVA, 2011a, p. 7). Daí, supostamente deriva o termo “cordel”, diminutivo de corda, local onde eram postos os folhetos para exposição nas feiras livres e nos mercados. Imaginávamos que tais práticas tinham se extinguido. Ledo engano! No Mercado de Artesanato e em livrarias da capital do estado da Paraíba, ou mesmo nos shopping centers, encontramos cordéis expostos para venda presos em barbantes. Passaram-se os anos, sofisticaram-se os locais de venda, mas as práticas seculares parecem resistir ao tempo!

Segundo Arnaldo Saraiva, em palestra proferida em março de 2011, na Universidade Estadual da Paraíba para os alunos de Arquivologia, o folheto

[...] cumpriu funções importantíssimas, porque, curiosamente, sempre foi um atrativo para os analfabetos e pessoas com pouca instrução que gostavam de ouvir as histórias de cordel, ou ver as xilogravuras que ilustram os livretos. Além disso, os impressos também cumprem o papel da distração e com um humor peculiar abordam desde histórias bíblicas, aventuras marítimas, histórias de personagens e heróis de cada localidade, alguns fatos verídicos, outros ficcionais. Conseguem informar e entreter acima de tudo. (UNIVERSIDADE...,2011)

Reforçamos, assim, o caráter universal desse documento, a sua ação político-pedagógica, mergulhando o homem no seu próprio mundo, ainda que este não possua domínio da lecto escrita, vive da oralidade, dos letrados lendo para os iletrados, conhecer as condutas morais, a sua história ao longo dos anos, fazendo imaginar o relatado.

### 3 O Cordel e a Experiência da Digitalização na Biblioteca Átila Almeida

*Os folhetos de cordel,  
Nas feiras eram vendidos,  
Pendurados num cordão  
Falando do acontecido,  
De amor, luta e mistério,  
De fé e do desassistido.  
(DINIZ, 2001)*

O Cordel, objeto de maior interesse de intervenção imediata na Biblioteca Átila Almeida, em função de:

- a) ser uma coleção pouco comum nas bibliotecas universitárias;
- b) a informação figurar em suporte de fragilidade aparente, exigindo do bibliotecário um árduo desafio, projetos e políticas de reformatação desse documento;
- c) possuir peculiaridades no seu tratamento técnico e em sua preservação física, e
- d) ser, hoje, no mundo, produzido apenas no Nordeste brasileiro, conferindo-lhe singularidade.

#### 3.1 O Início de tudo...

Chegando em 2006 na cidade de Campina Grande, uma vez contratada para gerenciar as bibliotecas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), realizamos um diagnóstico de cada biblioteca que compunha o sistema. O diagnóstico considerou todos os aspectos desde recursos humanos, atualização do acervo, infraestrutura, condições físico-climáticas aos elementos de ordem tecnológica como automação do acervo e política de divulgação dos seus serviços e produtos. Em três meses, elaboramos um plano de ação estratégica (MAIA; OLIVEIRA, 2006), visando sanar ou minimizar os problemas diagnosticados. Pontualmente, no que se referia à Biblioteca Átila Almeida, vários problemas foram identificados, contudo, dos problemas percebidos, o tratamento técnico e a política de preservação do acervo, com vistas à sua divulgação via web, foram os mais desafiadores, principalmente, da coleção de Cordel, pela pouca durabilidade do suporte e constante manuseio dos pesquisadores.

Assim nos perguntávamos: poderia a UEPB disponibilizar os seus cordéis utilizando-se os recursos da web? Mas, onde? Como? Foram as nossas primeiras inquietudes em torno dessa coleção. Bastante utilizados por pesquisadores de literatura popular, e sabendo da fragilidade dos suportes, nossa inquietude aumentava: como possibilitar o uso e manter a integridade física da coleção?

Digitalizar como ação de salvaguarda não seria ação produtiva se não tivéssemos onde armazenar e, sobretudo, localizar a

informação. Para isso, o tratamento técnico referente à descrição física e temática dos documentos tornara-se indispensável.

Tomamos frentes de trabalho sobre a coleção, a saber:

- a) higienização mecânica<sup>2</sup> e organização física;
- b) participação em cursos sobre preservação e conservação documental;
- c) leituras sobre preservação e conservação documental, reformatação, Cordel, literatura popular, estudo de usuário, tratamento técnico, banco de dados, arquitetura da informação e sistema de informação;
- d) buscar profissionais das áreas da computação, restauração e literatura para dar suporte técnico;
- e) conhecer os nossos usuários, adotando como estratégia investigativa a entrevista de natureza informal;
- f) aprofundar informações acerca da constituição da coleção de Cordel e da Biblioteca Átila Almeida com a viúva do professor cujo nome leva esse espaço de informação, a professora Ruth Almeida.

Buscamos no espaço digital, complementando a pesquisa, visitar propostas nacionais de tratamento técnico, digitalização e disponibilização de cordéis em rede. O primeiro trabalho que nos debruçamos foi o do Acervo Maria Alice Amorim, em Recife, Pernambuco. Este trabalho voltou-se para tratamento técnico associado à digitalização de todo o conteúdo do Cordel da coleção da pesquisadora, formado por um acervo de 7.300 folhetos. Na *web*, é apenas permitida a visualização da capa e dos dados catalográficos dos cordéis, baseados na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); para acesso ao conteúdo digital, o usuário só poderá fazê-lo dirigindo-se às instalações da Fundação Joaquim Nabuco, na cidade do Recife. (ACERVO..., 20--)

Via Internet, visitamos também a Fundação Casa de Rui Barbosa. Com um acervo de 9 mil folhetos, salvaguardados na Biblioteca da instituição, disponibiliza um catálogo *online* em que consta listada a coleção. Na descrição da informação cordelística, há um trabalho de pesquisa sério que não só buscou tratar tecnicamente a coleção, como aprofundar informações acerca da biografia e bibliografia de cada cordelista e repentista. Cerca de um quarto da coleção, ou seja, 2.340 Cordéis, encontra-se disponível na íntegra, por meio do *site* da Fundação. Um avanço significativo no tratamento técnico do folheto realizado pela Casa, sem dúvida, é o controle do vocabulário, facilitando a padronização na indexação dos conteúdos de Cordel (BRASIL, 2004).

Um último projeto estudado sobre digitalização, localizado na *web*, foi do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), que tem por essência o desenvolvimento e a execução de “[...] programas e de projetos de estudo, pesquisa, documen-

■  
<sup>2</sup> Sobre o acondicionamento só será possível realizar este ano, em função da aquisição de materiais para tal só terem sido comprados recentemente, pela instituição.

tação, difusão e fomento de expressões dos saberes e fazeres do povo brasileiro.” (BRASIL, 20--). Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Centro encontra-se instalado no conjunto arquitetônico do Catete, Rio de Janeiro. Seu acervo digital de cordéis conta com um total de 5.539 folhetos, localizado numa Cordelteca. Também conta com material de extrema importância para o controle do vocabulário, um tesouro de folclore e cultura popular, valioso instrumento de pesquisa.

Assim, os anos de 2007 e 2008 foram de muito aprendizado e acúmulo de informação. Em 2009, elaboramos projeto de pesquisa para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com o intuito de sistematizar e organizar uma proposta de gerenciamento acerca da coleção de Cordel. Aprovado, nossa equipe, formada por duas alunas de Arquivologia e um Designer gráfico de uma instituição de ensino privado da cidade de João Pessoa, além de criar o banco de dados que descreve tecnicamente o Cordel, digitalizou e cadastrou 110 títulos em apenas doze meses, dados catalográficos atualmente disponíveis na URL: <http://cordeis.bc.uepb.edu.br/index.php>.

### 3.2 A Criação do Banco de Dados

Baseado na tecnologia de *software free*, o banco de dados de Cordel agrega 25 campos de descrição pensados para atender as especificidades dessa tipologia documental, sendo criado com o objetivo de disseminar as informações contidas no Cordel de forma rápida e eficaz. Nesse, o usuário pode acessar as informações sobre os documentos sem o seu deslocamento físico à biblioteca para posterior recuperação e uso desses dados. Um acervo digital manipulado na forma de um banco de dados se destaca por sua vez pela facilidade em disseminar as informações, além da dinamicidade no acesso a elas, bem como agilização na transferência e socialização destas informações (AMARAL, 2002). A iniciativa pelo desenvolvimento de uma base de dados específica para o Cordel se deu pelo fato de não localizarmos em bibliotecas ou em centros de informação ou na literatura da área uma descrição que atendente a riqueza e potencialidade desse tipo de documento.

O banco é um aglomerado de registros dispostos em estrutura regular que nos proporciona uma reorganização dos dados referentes à produção informacional. Essa ferramenta foi produzida na linguagem SQL, uma vez que o banco de dados utilizado é o My SQL, pois é gratuito não acarretando problemas em relação aos direitos autorais, regulamentado pela Lei de n. 9.610 de 1998.

Junto a ele, com a equipe do projeto, desenvolvemos páginas xhtml + css com programação em php, tendo assim uma área



restrita para cadastrar, editar e excluir os cordéis, caso necessário.

Criar um banco de dados, como solução exclusiva para os problemas de acesso e recuperação da informação por parte do usuário, não consistia em uma atividade eficaz e completa, sendo assim desenvolvemos políticas de acesso que resultaram em ferramentas que chamassem a atenção para a importância de informar o contexto do objeto digital a ser descrito para que os usuários pudessem entender o ambiente tecnológico no qual ele foi criado. Percebemos a importância da descrição das partes que compõem o objeto digital com um todo.

A busca em sistemas de recuperação da informação é um processo complexo que envolve diversos fatores e requer do usuário um conhecimento prévio das linguagens específicas contempladas nos sistemas digitais, mesmo que esse usuário entenda de tecnologia, conhecer o contexto de produção da informação e os dados que agregam valores a esta é de suma importância (MAIA et al., 2010).

Assim, trabalhamos tecnicamente o Cordel sob duas esferas: a descrição física e a temática. Compõe a primeira, a de ordem física: autor, proprietário, título, subtítulo [se houver], ano de publicação, editora, local de edição, idioma, localização física do documento no acervo, tipo de imagem, imagens internas, estado de conservação, natureza [se original ou fotocópia], estado de conservação, origem [procedência: coleção de Átila ou doação], dedicatória do autor, nota de exemplar, nota de autor, observação de dedicatória, dimensões, quantidades de páginas.

Já os campos de descrição temáticos, a segunda esfera, visam extrair conteúdo informacional agregado ao documento, e foram os seguintes: vinculados ao texto escrito – assunto, ciclo e resumo – e, ao texto imagético o assunto imagem. O resumo é um fator relevante de descrição, pois antecipa ao leitor o conteúdo do documento, antes do seu acesso ao texto completo. Contudo, reforçamos que, em função das limitações legais, embora o processo de cadastramento de cada Cordel envolva a anexação de todo o documento digitalizado na base, a sua disponibilização limita-se apenas a capa, além das informações inerentes ao folheto no processo de catalogação e de indexação.

Para chegarmos a esse resultado descritivo (RIBEIRO, 2001; ARQUIVO..., 2006), baseamo-nos no Código de Catalogação Anglo-Americano (AAR2), Normas Brasileiras de Descrição Arquivística (NOBRADE) e questionário aplicado em 2009 a cinquenta usuários da Biblioteca, obtendo resposta de 22% desse total.

Percebemos que por meio de atividades de representação foi possível a recuperação dos documentos em seus distintos meios seja no tradicional ou digital; a descrição surge como uma ativida-

de imprescindível para melhor representar os documentos. Nesse sentido, a descrição consiste no processo em que o bibliotecário e o arquivista criam representações de um determinado documento, explicitando o conteúdo e o seu contexto. Uma atividade de cunho intelectual, que exige habilidade na interpretação do conteúdo documental, conhecimento histórico acerca do produtor que no caso dos cordéis é o autor intelectual do documento, bem como da época em que foi produzido. Também se fazem necessárias competências de cunho linguístico para a escolha dos termos que melhor represente o conteúdo desse gênero.

Segundo a *Society of American Archivist* (2002 apud ARQUIVO..., 2006), o propósito da descrição é localizar, estabelecer controle intelectual, gerenciar, identificar e promover o acesso aos documentos por parte dos usuários.

Com relação ao processo de digitalização, atividade imprescindível que consiste, em sentido estrito, na atividade de gerar arquivos digitais (imagens) a partir do papel, utilizando-se de equipamentos como *scanner* e máquinas fotográficas.

Esse processo de digitalização surge da necessidade de recuperar documentos que se encontram apenas em suporte papel e transformá-los em um suporte mais atual, que é o digital; processo também denominado de reformatação. Esse procedimento facilita o acesso por parte dos usuários, sejam internos ou externos, possibilitando uma maior quantidade de documentos em um suporte menor, mais eficiente em relação ao acesso, entre outros benefícios.

O suporte digital é fruto do forte avanço dos sistemas informatizados. Em suma, digitalizar documentos é uma ação inerente aos processos atuais que buscam eficiência em suas tarefas e facilidade da recuperação de seus documentos. Em especial, no Cordel, seu formato e fragilidade propiciam a prática da digitalização; com resolução inferior a 100 *dots per inch* (dpi, traduzindo, pontos por polegada) é condição mais do que suficiente para obtenção da imagem desejada, permitindo a leitura clara do texto. Uma resolução maior do que essa dificultaria a visualização do documento; o suporte frágil não permite excesso da qualidade. Discurso aparentemente contraditório, mas se aplicada resolução acima da indicada nos folhetos, o verso e anverso da página se confundem. Essa política quanto à aplicação da baixa resolução soluciona outro problema: espaço na base de dados, já que a meta é de disponibilizar o conteúdo digital dos cordéis íntegra na web. Assim, a opção por um formato tanto econômico, considerando a lógica dos bits, quanto legível, fizeram adotarmos o *Joint Pictures Expert Group* (jpeg). Entre outras vantagens também consideramos sua popularidade, facilidade no, armazenamento e disseminação.

Atualmente, tem-se uma grande questão com relação à preservação dos documentos, que consiste em atividades que impeçam a deterioração dos documentos renovando, assim, suas perspectivas de uma futura utilização. Segundo Conway (1997), a prática da preservação documental compreende, portanto, todas as políticas, procedimentos e processos que, juntos, evitam a deterioração documental, prorrogando seu tempo de vida útil e intensificando sua importância informacional.

No caso dos cordéis, fragilizados em função do material, do uso e do tempo, (alguns tendo cerca de 100 anos), se constituem em documentos com riscos de deterioração. A digitalização além de prevenir tal acontecimento, proporciona o acesso aos documentos ao maior número de pessoas por meio do banco de dados, causando a ideia de democratização da informação. A digitalização dos documentos proporciona uma sobrevivência maior dos folhetos, na medida em que representa redução no manuseio dos documentos originais.

De acordo com Amaral (2002)<sup>3</sup>:

A digitalização é uma das medidas utilizadas em arquivos e bibliotecas para proceder a reformatação de seus acervos. O processo de reformatação é entendido como a adoção de medidas que visam transpor os dados informacionais de um determinado suporte para outro. [...] O processo de digitalização propicia os meios de se codificar digitalmente documentos capturados através de um scanner ou máquina fotográfica digital e disponibilizá-los em forma de imagem ou som para armazenagem, transmissão e recuperação em sistemas computadorizados.

Para o processo de digitalização, no caso dos cordéis da Biblioteca Átila Almeida, foi utilizada uma máquina fotográfica digital<sup>4</sup>. A utilização de outro equipamento como o *scanner* poderia danificar sua estrutura física e acelerar o processo de deteriorização, em função da forte incidência de luminosidade no ato da digitalização; por isso, a opção pela fotografia. O uso da câmera digital se deu com a ausência de *flash*, evitando qualquer dano ao documento, preservando seu suporte. A imagem digital obtida por meio da fotografia atendeu as nossas necessidades quanto à obtenção de uma imagem legível. Com um custo mais acessível que um *scanner* de última geração, a máquina fotográfica é de fácil manipulação e de tratamento.

O processo de digitalização, como esperado, foi feito através das fotografias dos cordéis página por página, em um ambiente propício. Exigiu-se muita atenção para que fossem capturadas todas as informações contidas no Cordel como número de páginas, imagens, datas de edição, entre outras informações, como forma de fazer com que o usuário tenha acesso ao Cordel em sua totalidade, simulando estar com este em mãos.

Após a digitalização dos cordéis, redimensionamos a forma de suas imagens para um tamanho proporcional exigido

<sup>3</sup> Documento eletrônico

<sup>4</sup> Descrição da máquina usada para as atividades de digitalização: Resolução: 10.1 MP, Processador Bionz, Zoom Óptico: 5x, Zoom Digital: 10x, Lente: Carl Zeiss Vario Tessar, Macro, Super Steady Shot, Alta Sensibilidade: ISO 3200, *Face Detection*, *Smile Shutter*, *Clear Photo* LCD, LCD: tela de 2,7'' e Visor Óptico, Animação Musical de Fotos: *Photo Music Full* HD, Seleções de Cena: 10, Memória Interna: 15MB, Flash *c/* distância recomendada: aprox. 0,2 a 4,2m (W) e aprox. 0,5 a 2,7m (T), Capacidade de Gravação de Vídeos: MPEG Filme, Capacidade de Bateria: até 390 fotos quando se gravam imagens estáticas e até 8.200 fotos quando se reproduzem imagens (aproximadamente) e Controle de exposição automática.

pela base de dados, objetivando a sua disponibilização rápida e sem transtornos. As bases pesadas, com documentos em alta capacidade de resolução, são fatigantes e desestimulantes para os usuários, pois se perde tempo em seu acesso. Por isso, a opção de reconfiguração do documento digital para uma resolução em que fosse possibilitada a leitura e de forma prática. Com o desenvolvimento de uma aplicação web para gerenciamento de cordéis, objetivou-se facilitar o acesso aos documentos por parte dos usuários, fazendo com que estes tenham satisfação no que tange às informações dos cordéis de maneira eficaz.

Um outro elemento que nos fez optar pelo uso da máquina fotográfica na captura da imagem de Cordel foi o barateamento do processo. Esse equipamento, de fácil aquisição, não exige uma capacitação tão aprofundada do manipulador. Se optássemos em fazer pedido à instituição de equipamentos mais sofisticados, deparar-nos-íamos com problemas como

- a) demora na aquisição, pois microfilmadoras ou digitalizadoras sofisticadas nem se quer são adquiridas no Brasil;
- b) alto custo de manutenção;
- c) capacitação e dependência de um único funcionário na execução da atividade;
- d) demora no conserto do equipamento quando apresentasse falha.

#### 4 As Dificuldades Legais: os limites dos direitos autorais na disponibilização do conteúdo dos cordéis

*A minha literatura  
De cordel é reflexão  
Sobre a questão social  
E orienta o cidadão  
A valorizar a cultura  
E também a educação.  
(DINIZ, 2001)*

A elaboração do banco de dados proporcionou de modo sistematizado, padronizado e controlado, a descrição física e temática dos cordéis, além do seu armazenamento e reformatação em suporte digital. Em torno desse ponto, em especial, da digitalização, em função das limitações legais brasileiras, existem dificuldades inerentes à disponibilização dos folhetos na rede mundial de computadores.

No Brasil, a Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, trata dos Direitos Autorais, altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências (BRASIL, 1998). Entretanto se comporta como um entrave na ampla divulgação da produção cultural, em particular, dos conteúdos digitais. O cerne da questão: a lei reduz os produtos culturais a valor monetário,

tornando iguais um livro e um enlatado. Agrava-se a questão quando a disponibilização e o acesso irrestrito da obra em domínio público ocorrem 70 anos após a morte do autor. Ou seja, gerações futuras, que pouco se relacionarão com o contexto em que foi gerado o documento, é que terão a chance de acesso ao seu conteúdo, gratuitamente. Será que lhes servirão tão vividamente? Não teriam tais documentos maior uso se disponibilizados no período de sua produção?

Assim, a discussão em torno dos direitos autorais em pleno contexto de conectividade, proporcionado pela Internet, se acirra. Primeiramente, em distinguir produtos de consumo em relação aos produtos civilizatórios, como livros, música e Cordel. Esses, pertencentes ao espaço dos bens culturais, quando se lhes aplica o denominador do comércio, enquadram as obras artístico-literárias no mesmo escopo de qualquer outra mercadoria. Acreditamos que tais obras diferem de mercadorias em razão de sua existência: sua função político-pedagógica, que humaniza e insere o homem no seu mundo, na sua cultura. Com a Internet, a cultura amplia o seu espaço e não sem tempo já há na literatura o uso do termo “cultural digital”, o que é suficientemente lógico, considerando que a *web* é um novo espaço de interação, comunicação, produção e criação de informação formativa. Um segundo ponto acerca da disponibilização dos conteúdos digitais na *web*, é sobre o tempo de divulgação dos materiais informacionais em domínio público. Deveras demorado, perde, por vezes, o sentido de uso da obra, pois passa a estar inserida em outro espaço-tempo diferente do seu momento de criação. Pontuemos que, em época de interatividade, em que tudo se transforma de modo feroz, o sentido de acesso e uso de algo que acabou de ser criado pode não o ser após cinco anos. Perguntamos: a informação não fundamenta a sua relevância no seu uso e na sua capacidade de produzir mais informação com o seu consumo? Parece-nos ilógica, determinada em texto legal, tamanha demora em sua disponibilização para o acesso de todos, no espaço digital.

No caso dos Cordéis, há uma série de problemas que inviabilizam sua disponibilização na *web*, por meio do nosso banco de dados: a dificuldade de identificação do real autor, criador intelectual da obra. Se não se identifica o autor, como localizá-lo para convencê-lo da pertinência da disponibilização do conteúdo de suas obras na internet? Essa dificuldade baseia-se na seguinte constatação - obtida por meio de entrevistas, em 2008, com os pesquisadores e com a viúva do professor Átila Almeida, pesquisador da cultura cordelística - há, além do autor, o criador intelectual da obra, o proprietário do Cordel, detentor do direito de reprodução e venda do documento. Exemplificando

o contexto do Cordel Nordestino e suas práticas de comércio, a viúva de Átila, que vivenciou suas pesquisas, relatou: um determinado “Cicrano” produziu um Cordel e o pôe a venda; nesse momento, assume um duplo papel intelectual e de propriedade. Por um motivo qualquer, vende o direito de propriedade para um “Beltrano”, passando este a deter tal direito sobre a obra. Ainda se agrava a situação quando, numa nova reprodução do Cordel feita pelo “Beltrano”, este imprime no documento que além de proprietário, é autor da obra (ALMEIDA, 2008)<sup>5</sup>.

Essa constatação concretizou a pesquisa sobre autoria do Cordel, do professor Átila Almeida e José Alves Sobrinho, que editaram, no final dos anos 1970, o *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*, que identifica títulos de Cordel e os seus respectivos autores. Além disso, a obra inclui uma breve biografia de cada cordelista, sua naturalidade, e aponta pistas sobre isso (ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1978).

Além do autor, produtor intelectual do conteúdo do documento, do editor-autor, que cria uma falsa autoria em função da garantia de comercialização que lhe é conferida, outro personagem soma-se as dificuldades legais quanto à disponibilização dos cordéis em rede: o xilogravurista, produtor intelectual das imagens desenhadas em madeira que é, posteriormente, usada como carimbo, reproduzindo as gravuras nas capas dos folhetos.

A lei que nos cria amarras, também possibilita ao autor, em seu Capítulo III, que trata dos Direitos Patrimoniais do autor e de sua duração, nos Artigos 28 e 29, o direito, ainda que exclusivo, de autorizar a disponibilização da obra literária, artística ou científica. Baseando-se nesse dispositivo legal, com o intuito conceder o acesso na íntegra dos conteúdos dos cordéis, começamos a contatar com o cordelista Manoel Monteiro que, verbalmente, sinalizou, de modo positivo, a autorização quanto à disponibilização dos conteúdos, na íntegra, de parte de seus cordéis em nosso banco de dados. À frente de sua época, quando percebemos a resistência de muitos autores em ceder as suas obras para o espaço da web, Manoel Monteiro entende a internet como ambiente de divulgação de nossa cultura e do seu trabalho. Nascido em Bezerros, Pernambuco, em fevereiro de 1937, atualmente reside em Campina Grande, Paraíba. “Começou a escrever em 1951, imprimi[ndo os] seus folhetos [...], e ele mesmo os vendia de feira em feira.” (ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1978, p. 283). Autor de mais de 200 títulos de Cordel, atualmente, estamos em fase de negociação quanto à disponibilização na íntegra, em nosso banco de dados, de alguns dos folhetos do conceituado cordelista.

O Nordeste, em especial, os estados da Paraíba e de Pernambuco, é, sem dúvida, o berço do Cordel brasileiro. Historicamen

te, com Leandro Gomes de Barros (1865 - 1918) (CULTURA..., 2007), pontuado por pesquisadores como o expoente nativo na produção do folheto no Brasil, hoje, a tradição sobrevive com Manoel Monteiro, José Costa Leite, Medeiros Braga, Santa Helena, Marcelo Soares, filho do famoso cordelista José Soares, Francisco Diniz, Narli Dias de Oliveira, Marco di Aurélio, Valentim Quaresma, Sabiá da Jurema (Cícero Vieira da Silva), Janduhi Dantas, Nelcimá de Moraes. Segundo Saraiva (2011b),

[...] com a chegada da imprensa régia ao Brasil, em 1808, [os folhetos] começaram a ser impressos [localmente]. Primeiro, alguns mais ou menos iguais, em texto ou grafismo, aos de Portugal, depois, já na segunda metade do século XIX, começou no Nordeste a produção sistemática de cordel, com textos adaptados ou originais. As razões que impuseram o cordel no Nordeste, e não noutros lugares brasileiros, são de vária ordem – mas passam pela existência de poetas populares de grande talento em terras pernambucanas e paraibanas, e pela falta, nessas terras, de outros modos de distração e de comunicação, ou tão só pelo gosto com que massas mesmo semi-analfabetas ou analfabetas recebiam as estórias em verso, facilmente memorizáveis no todo ou em parte.

Entre as práticas tradicionais do mundo impresso e o documento digital da *web*, a divulgação dos folhetos é fonte de inspiração de jovens mentes preocupadas em manter viva a imagem de nossa cultura. Citamos, neste contexto, o projeto Cordel Campina, infelizmente, inativado há alguns meses, mas que resistiu por seis anos, de 2005 a 2011, disponibilizando Cordéis criados no meio digital. O seu criador, Rodrigo Apolinário e co-criadores (Leiana Souza, Fernanda Moura, Edson Nascimento, Shirley Guerra e Carolina de Medeiros) aguardam propostas de instituições para reativar o site que, além de disponibilizar os folhetos, dispunha de *links* sobre a história do Cordel e apresentava, por meio de entrevistas, o movimento inerente às práticas e à cultura cordelística. Num segundo momento do projeto, em função do desconhecimento do poder de divulgação do site, os cordelistas viam na disponibilização *online* uma ameaça ao comércio do Cordel. Por isso, o Cordel Campina, em seu segundo ano de existência, deixou de divulgar os folhetos na íntegra, indicando os títulos dos folhetins produzidos durante o ano (APOLINÁRIO, 2011)<sup>6</sup>.

■  
<sup>6</sup> Documento eletrônico

Outro projeto disponível na *web*, desde 2001, cujos idealizadores são Valentim Quaresma, Francisco Diniz e Santa Helena, denominado **Projeto Cordel**, mapeia cordelistas e repentistas nordestinos, além de disponibilizar pelo menos o conteúdo de um Cordel, em formato digital, de alguns dos poetas populares. O site <http://literaturadecordel.vilabol.uol.com.br/frame.htm> é uma forma de divulgação do documento, mais do trabalho de cordelistas e repentistas, vendendo o seu produto, o folheto, os seus serviços, apresentações culturais.

Também encontramos na Internet o *site* do poeta popular e



xilogravurista Marcelo Soares, que além de apresentar seu vasto currículo, voltado para a área da literatura cordelística, indica os cordéis de sua autoria, informa, ainda, que estará disponibilizando, em breve, o conteúdo de alguns para leitura *online*.

O desconhecido mundo do *www* causa sensações difusas a depender de cada autor/criador de Cordel. Para uns, uma ameaça para a venda do folheto; pensamento imediatista na relação produto e comercialização. Para outros, a internet abre espaços de divulgação inimaginados, que vão além da divulgação do próprio trabalho, mostrando a cultura de um povo, em sua esfera local, para o internacional.

## 5 CONCLUSÃO

*Mas trata de outros temas:  
Da luta do bem contra o mal,  
Da crença do nosso povo,  
Do hilário, coisa e tal  
E você acha nas bancas  
Por apenas um real.*

*O cordel é uma expressão  
Da autêntica poesia  
Do povo da minha terra  
Que luta pra que um dia  
Acabem a fome e miséria,  
Haja paz e harmonia.  
(DINIZ, 2001)*

É encantador que tradição tão secular permeie nosso cotidiano. O Cordel, confundido, às vezes, por “[...] opúsculo, plaquete, livrinho, livreto, separata, folha (solta, volante) e, como ocorria no século XVIII, papel, [também sofre variação quanto ao] formato, número de páginas, tipo de papel, conteúdo e até os modos de comercialização.” (SARAIVA, 2011a, p. 5). Documento de caráter literário, por vezes marginalizado nos espaços institucionais de saber, o folheto ganha visibilidade internacional e estatuto de fonte de informação e de pesquisa.

Desse modo, os profissionais da informação, bibliotecários e arquivistas são chamados a pensar sobre a informação cordelística. Do ponto de vista de suas funções técnicas, bibliotecários e arquivistas vão criando as condições de gerenciamento sobre a informação. Ressaltamos, nesse aspecto, a identificação das necessidades de seleção, de organização, do tratamento técnico (catalogação, indexação e classificação), da produção de instrumentos de consulta e pesquisa, do armazenamento, do acesso, da disponibilização, do uso, da análise e da preservação e conservação desses documentos informacionais. Do ponto de vista social, este trabalho técnico vislumbra um potencial mais amplo para estes profissionais, o de assegurar que a gestão sobre



essa informação possa gerar o potencial de práticas democráticas, possibilitando a busca e a recuperação dos folhetos.

É direito de todo cidadão o acesso à informação. Os cordéis, atualmente, apenas produzidos no Nordeste brasileiro, causam encantamento por assegurarem um espaço de informação que comunica o modo de pensar do homem nordestino, suas práticas e costumes. Sua penetrabilidade, mesmo em tempos de internet, venceu o rádio e a televisão, pois, se assim não o fosse, não estaríamos falando desse objeto cultural. Um documento de caráter civilizatório, que trata das condutas e práticas sociais, merece total destaque e, por meio dele, discutir que os processos tecnológicos inventados pelo homem possam não só assegurar sua existência, possibilitando a sua reformatação, como disseminando e divulgando, por meio de bancos de dados estruturados para tal, o seu acesso e armazenamento.

Detentora de um acervo de 9.992 títulos de Cordel, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por meio do projeto *Tratamento técnico aplicado ao raro acervo de Cordel da Biblioteca Átila Almeida/UEPB: otimização de sistema de banco de dados e disponibilização do acervo via web* cria essas condições. Deparamonos, hoje, com as dificuldades de garantir o acesso democrático na *web* dos conteúdos dos folhetos digitalizados, na íntegra, já armazenados em nosso banco de dados, em função das regras legais impostas pela Lei 9.610/1998. Diante de tamanha limitação, trabalhamos na perspectiva de sensibilizar os produtores desses cordéis em autorizar que o conteúdo de sua produção possa estar disponível não só para a pesquisa, mas para que qualquer cidadão do mundo tenha acesso à riqueza cultural de nossa produção popular, usando de artifícios seculares, baratos, de satirizar, historicizar e criticar a nossa sociedade.

Cabe destacar, ainda, a relevante função da UEPB no cenário internacional quanto aos investimentos em arte e em cultura. No ano de 2012, a compra com recursos próprios do acervo do professor cearense Gilmar Carvalho representou um acréscimo de 2.352 novos títulos à coleção original. A Reitora Marlene Alves Sousa Luna tem em sua plataforma de trabalho uma política de aumento dos folhetos, conferindo a Universidade o seu destacado papel civilizatório e democrático, quando viabiliza a salvaguarda, a proteção e a perpetuação do patrimônio local, o Cordel, para as atuais e as futuras gerações.

## On the Experience of Digital Conversion of Cordel Collections at Atila Almeida Library of the Universidade Estadual da Paraíba

### ABSTRACT

Cordel Literature is a good choice for digital conversion due to its size and pamphlet format, as well as the impermanence of the paper used. Conversion addresses both preservation and access. Many libraries in Brazil are converting their Cordel collections to digital form, yet issues of copyright are limiting those endeavors. In many cases, 'ownership' of a Cordel is not clear. Is it shared by the poet, woodcut artist & publisher equally. This summarizes the digital conversion efforts in Brazil, while focusing on one library's attempts to overcome the challenges of copyright clearance.

**KEYWORDS:** Digital conversion. Copyright. Cordel. Library Atila Almeida.

### Referências

- ACERVO MARIA ALICE AMORIM: catálogo de literatura de Cordel. Recife, 20---. Disponível em: <<http://www.cibertecadecordel.com.br/acervo.php#topo2>>. Acesso em: 14 ago. 2011.
- ALMEIDA, Átila Augusto F. de; ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 1978.
- ALMEIDA, Ruth Trindade de. **O Acervo Átila Almeida**. Recife, 2008. Entrevista informal concedida à Manuela Eugênio Maia, gravada em out. 2008. 4 DVDs.
- AMARAL, Cléia M. G. **Diretrizes para a digitalização no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte**. 2002. Disponível em: <[http://www.cinform.ufba.br/v\\_anais/artigos/cleiamarciagomesamaral.html](http://www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/cleiamarciagomesamaral.html)>. Acesso em: 14 ago. 2011.
- APOLINÁRIO, Rodrigo. **Site Cordel Campina**. Mensagem recebida, através de correio eletrônico, de <[rodrigoapol2@gmail.com](mailto:rodrigoapol2@gmail.com)>, em 23 ago. 2011.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Nobrade**: Norma brasileira de descrição arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
- BRASIL. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. **Acervos digitais**. Rio de Janeiro, 20---. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2011.
- BRASIL. Fundação Casa de Rui Barbosa. **Cordel**: literatura popular em verso. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>>. Acesso em: 14 ago. 2011.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998**: altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, 1998. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm)>
- CASTELLS, Manoel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. (Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos).

CULTURA NORDESTINA: **Leandro Gomes de Barros** – Biografia. 2007. Disponível em: <<http://culturanordestina.blogspot.com/2007/12/leandro-gomes-de-barro-o-rei-do-cordel.html>>. Acesso em: 8 ago. 2011.

DINIZ, Francisco. O que é cordel. In: QUARESMA, Valentim; DINIZ, Francisco; SANTA HELENA. **Projeto Cordel**. Paraíba, 2001. Disponível em: <<http://literaturadecordel.vilabol.uol.com.br/frame.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2011.

FONSECA, Maria Odila. Informação e direitos humanos: acesso às informações arquivísticas. **Ciência da Informação**, Brasília, v.28, n.2, p.146-154, maio 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n2/28n2a07.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2011.

MAIA, Manuela Eugênio; MORAIS, Amanda Brito Xavier de; CARNEIRO, Naiany de Souza; LEMOS, Thiago Saraiva. **Relatório PIBIC**: desenvolvimento de uma aplicação web para gerenciamento de cordéis na Biblioteca Átila Almeida / UEPB. João Pessoa: UEPB, 2010. 34p.

MAIA, Manuela Eugênio; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire. Tratamento documental para cordéis: o raro acervo Átila Almeida. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 1., 2008, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa, UEPB, 2008.

\_\_\_\_\_. **Plano da ação estratégica** (2006 2010). Campina Grande: UEPB, 2006. Disponível em: <[http://biblioteca.uepb.edu.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=455:plano-estrategico-sib-2006-2011&catid=180&Itemid=563](http://biblioteca.uepb.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=455:plano-estrategico-sib-2006-2011&catid=180&Itemid=563)>. Acesso em: 8 ago. 2011.

RIBEIRO, Antonia Motta de Castro Memória. **AACR2**: Anglo-American Cataloguing Rules. 2. ed., ed. rev. e atual. pelo AACR2 1998 revision. Brasília, DF, 2001.

SARAIVA, Arnaldo. **Folhetos de Cordel portugueses**. Recife: Museu de Arte Popular, 2011a. (Exposição Teia de Cordéis, no Museu de Arte Popular).

\_\_\_\_\_. **Re: dúvida!** Mensagem recebida, através de correio eletrônico, de <asaraiva@netcabo.pt> em 12 ago. 2011b.

UNESCO. **Memoria del Mundo** : directrices para la salvaguardia del patrimonio documental. París: UNESCO, 2002.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Folheto de cordel é tema de palestra do professor português Arnaldo Saraiva em João Pessoa**. Campina Grande: UEPB, 2011. Disponível em: <[http://www.uepb.edu.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2371:folheto-de-cordel-e-tema-de-palestra-do-professor-portugues-arnaldo-saraiva-no-campus-v-da-uepb-em-joao-pessoa&catid=178:outros-destaques&Itemid=410](http://www.uepb.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2371:folheto-de-cordel-e-tema-de-palestra-do-professor-portugues-arnaldo-saraiva-no-campus-v-da-uepb-em-joao-pessoa&catid=178:outros-destaques&Itemid=410)>. Acesso em: 8 ago. 2011.

**Manuela Eugênio Maia**

*Mestre em Educação.*

*Professora do Curso de Arquivologia da  
Universidade Estadual da Paraíba.*

*Diretora do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB)  
da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).*

*E-mail: manuelamaia@gmail.com*

**Carlos Xavier de Azevedo Netto**

*Doutor em Ciência da Informação pela*

*Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).*

*Professor Associado no Departamento de Ciência  
da Informação, atuando como coordenador do  
Núcleo de Documentação e Informação Histórica  
Regional da Universidade Federal da Paraíba  
(NDIHR/UEPB).*

*E-mail: xaviernetto@gmail.com*

**Bernardina Maria Juvenal Freire de  
Oliveira**

*Doutora em Letras pela Universidade Federal da  
Paraíba*

*Professora Adjunta da Universidade Federal da  
Paraíba.*

*Coordenadora do Programa de Pós-graduação em  
Ciência da Informação da Universidade Federal da  
Paraíba (UEPB).*

*E-mail: bernardinafreire@yahoo.com.br*

Recebido em: 30/06/2012

Aceito em: 09/11/2012